

# VII — A MISSÃO DE PARIS



Na «baillie» da capital fomos encontrar a Missão de Paris. O P.º Hollande, seu chefe, nos esperava já, e acolheu-nos fraternalmente.

Chocou-nos a pobreza do edificio e o desnudamento do gabinete de trabalho do P.º Hollande: um pequeno quarto, uma tosca mesa de pinho, duas cadeiras baratas, uma pequenina estante

com uns 40 livros, um cinzeiro e um telefone. Mais nada.

Imaginávamos outra coisa, outra grandeza, outro aparato...

O P.º Hollande é simpático, alegre, acolhedor.

— Que é isto da Missão de Paris? — interrogamos.

— Não conhece ainda?

— Nada.

— Então ouça. Entre a Igreja e a civilização humana abriu-se um fosso que vem sendo, desde a Renascença de cada vez mais alargado e aprofundado. De um lado estamos nós; do outro a massa. Nós cuidamos dos nossos, passamos a vida a fazer baptizados, casamentos, enterros, catecismos, cerimónias mais ou menos pomposas, numa palavra, sustentamos, entretemos a vida religiosa dos que nós procuram. De vez em quando, lançamos um olhar de piedade para a outra margem do abismo que nos separa, mas nem os de lá entendem a nossa linguagem nem nós entendemos a deles. E cada um segue o seu destino, persuadidos, uns e outros, de que vivemos em mundos à parte. Encontramo-nos na rua, cruzamo-nos nos caminhos, mas fugimos uns dos outros porque nem uns nem outros nos sentimos bem, lado a lado. Não sente isto mesmo?

— Perfeitamente. E então?

— Então... é preciso que isto acabe. O trabalho de assisten-

tes na J. O. C. abriu-nos um pouco os olhos. Muitos da outra banda não eram tão maus como nós o supunhamos. E estudamos. Fizemos inquéritos, chegamos a conclusões.

— Quais?

— Já lho digo... Mas, entretanto, surgia um facto novo, providencial. Muitos Padres foram como prisioneiros para a Alemanha. O P.º Rodhain enviou, por sua vez 120 como operários para lá. Estes Padres e imensa quantidade de seminaristas prisioneiros e trabalhadores forçados puseram-se em contacto obrigatório com os outros operários, os outros prisioneiros. Semana após semana, mês após mês, tiveram

o caram a perceber que afinal se poderiam entender mutuamente. Daqui nasceu a compreensão das profundas causas do abismo que os separava: o isolamento, a organização da vida paroquial (inteligível para a multidão. Seria necessário mudar tudo isto.

Quando os nossos Padres regressaram e os nossos seminaristas voltaram aos Seminários, traziam um espirito novo, renovador, revolucionário, ou, se quiser, missionário. Por isso tera V. encontrado entre nós audácia e confiança.

— Mas a Missão de Paris, não começou antes? Já tinha o mesmo espirito?

— Nós já o tínhamos compreendido pelo nosso trabalho de assistentes jocistas. Já tínhamos começado a reagir.

— Em que sentido? — perguntámos curiosos.

— No sentido de adaptar a nossa vida à vida deles, no sentido missionário. **ABEL VARZIM**

— Não percebo... **ENVOLVIMENTO**

— Quando um missionário desce na selva para fundar uma Missão, começa por habituar aqueles indígenas a viver à moda europeia, ou adapta-se ele mesmo à sua cultura, aos seus costumes, à sua «civilização»? Forma com eles uma comunidade com hábitos próprios, bem distintos dos hábitos de uma paróquia de europeus que talvez vivam ali bem perto. Chamar os indígenas a inserir-se na paróquia dos europeus seria desarraigá-los, e eles não se sentiriam bem. Ora é isto exactamente o que é preciso fazer na Europa. Ele há uma cultura proletária, um ambiente proletário, uma mentalidade proletária. Temos de criar cristandades proletárias.

— E como é que lhes pegam?

— Exactamente como os bons missionários. A Missão de Paris tem hoje 13 Padres, repartidos em pequenas equipas. Cinco de nós são operários: um fundidor de metais, um torneiro mecânico, um carpinteiro, um sapatreiro-engraxador, um servente. Os outros estão repartidos pelos «quartiers», morando em casas semelhantes às deles, fazendo a vida do povo, indo buscar o seu pão ao padeiro, permanecendo horas nas «bichas» — quando as havia — fazendo tudo o que eles fazem para viver.

— ?!! mas... não perdem o seu tempo? São Padres para isso?

— Não perdem o tempo, não. Permanecer uma, duas horas na bicha dá excelente oportunidade para falar com o vizinho, trocar impressões com as donas de casa, discutir assuntos que lhes interessam, lançar sugestões...

— Não! Nem sequer falam nisso. Pela sua vida, pela sua caridade, espirito de doação e de sacrificio; levam ao meio da massa o testemunho vívido de Cristo. Depressa se estabelecem relações, contactos, amizades. São convidados e convidam. O Padre passa a ser um excelente vizinho, um irmão em quem se pode confiar, que vive a vida deles, em contacto com eles, semelhante a eles em tudo, salvo no pecado. É claro que o Padre tem de viver pobre, mesmo exteriormente, dar testemunho de uma vida humilde, abnegada, simples.

— E não confessam, nem pregam?...

é de cada vez maior o número dos que vivem afastados. E preciso refazer as paróquias, em pequenas comunidades, aproveitando a vida social dos «quartiers».

E há, de facto, paróquias transformadas já?

— Algumas. Estão a fazê-lo, sobretudo os Padres que vieram da Alemanha, das prisões, dos campos de prisioneiros ou dos campos de concentração. É coisa curiosa, cada um tenta a sua experiência, mas todos, sem saber muita vez uns dos outros, começam por abllir as «taxas» dos serviços religiosos.

— E então do que vivem?

— Quando o Padre se põe ao serviço do povo e deixa de ser um burguês, nada lhe falta. Os fiéis dão generosamente mais do que, constringidos, pagavam pelas taxas. Daqui a cinquenta anos, não haverá uma única paróquia em França que applique taxas. Eu lho garanto.

— E que fazem mais?

— Um grande esforço para tornar compreensível a Missa. Uma pregação adaptada aos acontecimentos da vida da paróquia. A pregação faz-se por ocasião de um enterro — o significado da morte! — nos baptizados, em que todos os assistentes tomam parte, etc. etc. Há muito a fazer, e alguma coisa já feita.

— Uma autentica revolução, pelos vistos!...

— Uma adaptação às realidades pagãs do nosso tempo. Espirito missionário, e nada mais.

Estávamos a meio da conversa. Mas como o espaço é limitado, o resto fica para amanhã.

ABEL VARZIM